

LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA: UMA RECONQUISTA

Valéria Alessandra Coelho Islabão
SMED/Pelotas e UFPel
(valerialessandra4@yahoo.com.br)

Josiane Pinho da Rosa
SMED/Pelotas
(josipinhorosa@gmail.com)

Juliana Mendes Oliveira Jardim
SMED/Pelotas e UFPel
(juoliveira2004@yahoo.com.br)

Marta Nornberg
UFPel
(martaze@terra.com.br)

Resumo

Este relato apresenta uma prática de leitura literária desenvolvida em escola da rede municipal de Pelotas/RS. O projeto *Ler, muito prazer* decorre de reflexões feitas por suas autoras acerca da desvalorização da leitura literária ao longo das etapas do ensino fundamental. O objetivo foi o de retomar a prática de leitura literária com alunos de 6º a 9º ano, dando continuidade ao trabalho desenvolvido nas séries iniciais. Para isso, foi aberto espaço e tempo nas aulas de História para a leitura. A experiência desenvolvida permite pensar que não é apenas o volume de literatura que circula na escola que importa, mas, sim, o enfoque dado a ela, que tende a anular questionamentos, ligações externas e opiniões. Sustenta que a concepção de leitura e de leitor que se tem é chave de fracasso ou sucesso da leitura literária na escola. Também mostra que criar condições para ler, na escola, significa oferecer momentos de lazer e de formação de leitores, indicando que o esforço pedagógico para ampliar e manter espaços e tempos de leitura literária na escola é, além de importante, necessário.

Palavras-chave: Leitura; Literatura; Letramento literário.

1. Introdução

Este relato apresenta uma experiência com a leitura literária vivenciada pela comunidade da escola municipal Olavo Bilac (Pelotas/RS). As ações do projeto foram desenvolvidas em decorrência de discussões em que se constatou a desvalorização da leitura literária, na escola, ao longo das etapas do ensino fundamental. O objetivo da proposta realizada foi a de retomar a prática de leitura com alunos de 6º ao 9º ano, dando continuidade ao trabalho que já era desenvolvido nas séries iniciais, abrindo

espaço nas aulas de História para a prática de leitura por meio do projeto *Ler, muito prazer*.

Em nossa escola, percebemos a existência de um abismo, especialmente quando se compara os hábitos de leitura no ciclo de alfabetização e nas séries finais do ensino fundamental. Por isso, entendemos como urgente discutir essa temática e pensar formas de dar prosseguimento ao trabalho com a literatura durante toda a vida escolar.

Para compreender o quadro que gerou as indagações e ações aqui relatadas faz-se necessária uma breve menção à história dos livros e da literatura em nossas escolas. A posição que a leitura ocupa atualmente em nossas escolas deve-se em parte ao fato de ela ter servido de base para qualquer aprendizagem desde a escolarização do ensino. Em nosso país, os livros de leitura chegaram às escolas no início do século XIX, trazendo coleções de histórias a serem usadas para o ensino da leitura, da moral, da geografia, da história de Portugal e da história natural.

Nos moldes citados, a leitura era o elemento fundamental no ensino, pois formava uma base, um começo que conduzia a novas aprendizagens e, próxima dela, estava a literatura, que era representada por textos exemplares. De acordo com a forma como os programas curriculares e documentos oficiais apresentavam a leitura e a literatura ficava subentendido que ambas não tinham consistência suficiente para serem disciplinas independentes.

De acordo com Zilberman (2005), as décadas de 50, 60 e 70 trouxeram pequenas alterações nessas diretrizes, porém não mudaram o desenho básico da leitura e da literatura no ensino. Duas concepções básicas permaneceram intactas e mostram-se ainda presentes no “imaginário” dos professores atualmente: a noção de que a leitura forma a base do ensino das disciplinas relacionadas à aprendizagem da língua materna e a ideia de que os textos lidos são formas de acesso à outra etapa, um estágio superior, externo ao texto/livro.

Muitos de nossos colegas professores também foram vitimados por esse ensino que não favorece a formação de leitores literários. Mas, está em nossas mãos buscar estratégias para romper com essa lógica, ao invés de perpetuá-la.

2. O projeto *Ler, muito prazer*

Decorrente de experiência como orientadora de estudos do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) e como professoras da rede pública, percebemos certo padrão nos relatos que envolviam o espaço e tempo da leitura literária nas escolas. Entre eles estão: o fato de que a maior parte das professoras não leem textos literários; a leitura oferecida aos alunos é, em geral, um “pretexto” para outras atividades ou para discutir determinados valores; as bibliotecas raramente são espaços convidativos e de deleite, tão pouco tem como responsáveis pessoas instruídas sobre acervo literário ou capazes de manifestar seu encantamento pela literatura de forma a contagiar os visitantes.

Em função de nosso envolvimento com projeto de pesquisa intitulado Formação de professores e melhoria dos índices de leitura e escrita no ciclo de alfabetização, conduzido no âmbito do Observatório da Educação/Capes, na Universidade Federal de Pelotas, tivemos oportunidade de ampliar estudos sobre letramento literário, a importância de explorar aspectos literários das obras e elaboração de estratégias didáticas.

Cosson (2014) explica que apenas ler e incentivar a leitura não basta; é necessário um estudo sistemático para que a literatura cumpra seu papel no âmbito escolar. Porém, como iniciar um ensino mais efetivo da literatura se os alunos não leem? Como caminhar nessa direção se muitos deles creem que ler é uma atividade entediante? Por isso, entendemos que é necessário, primeiro, despertar o gosto pela leitura, retomando sua dimensão lúdica, produzindo condições para que percebessem a leitura como atividade de lazer e fruição.

Acreditamos que a vivência que o professor tem com a leitura é um fator fundamental para o seu trabalho. O professor precisa ser um leitor pleno e apaixonado para ter sucesso na formação de leitores (BURLAMARQUE, 2005). Desse modo, buscamos contagiar colegas professores, manifestando nosso entusiasmo pela leitura, compartilhando nossas experiências com a leitura de obras literárias de diferentes gêneros. No contexto do PNAIC, realizamos alguns projetos de leitura que visavam despertar o gosto pela leitura, oferecendo repertório e promovendo a tão necessária reconciliação com a leitura, problematizando o uso da literatura como meio de didatização de conteúdos escolares.

Se reconciliar com a leitura: não pedir nada em troca. Absolutamente nada. Não erguer nenhuma muralha fortificada de conhecimentos preliminares em torno do livro. Nem fazer a menor pergunta. Não passar o menor dever. Não acrescentar uma só palavra àquelas das páginas lidas. Nada de julgamento de valor, nada de explicação de vocabulário, nada de análise de texto, nenhuma indicação bibliográfica. (PENNAC, 1993, p.121)

Já em nosso contexto de atuação docente, na escola em que atuamos, era comum conversar sobre o gosto que cultivamos pela literatura e sobre a importância que atribuímos à leitura literária. Em alguns momentos também refletimos sobre o porquê da leitura perder espaço a cada ano de escolaridade e a importância de se reconquistar esse espaço/tempo na escola em que atuamos como docentes. Passamos, então, a refletir sobre algumas questões: Por que nossos alunos param de ler quando saem do ciclo de alfabetização? Por que nós, as professoras, paramos de ler para os alunos quando eles saem do ciclo de alfabetização? Por que retomar o tempo/espaço perdido pela literatura em nossa escola? Como retomar esse território perdido? A partir das reflexões feitas, decidimos criar condições para a prática de leitura literária em nossa escola.

Assim, o projeto *Ler, muito prazer* surgiu dessa parceria estabelecida entre uma professora do ciclo de alfabetização com sua colega, professora de história, que atua com turmas de 6º ao 9º ano. Juntas iniciamos o planejamento de estratégias para que a leitura literária passasse a fazer parte do cotidiano escolar. Elaboramos o projeto *Ler, muito prazer* com o objetivo de despertar ou reavivar nos alunos o gosto pela leitura literária, conquistando ou reconquistando espaços e tempos destinados à leitura em nossa escola.

O projeto consistiu em abrir espaço nas aulas de História para que os alunos das turmas de 6º a 9º ano lessem obras literárias. Nenhuma tarefa seria cobrada posteriormente às leituras. Para isso, foram disponibilizados cerca de 50 títulos literários, que eram livremente manuseados pelos alunos e disponibilizados para que fossem lidos, na escola, durante o período de aula. Uma ficha foi elaborada para que nela cada aluno anotasse o livro que estava lendo e fizesse o registro da página na qual interrompeu a leitura, ajudando-o a lembrar de onde deveria retomar a leitura na próxima aula, se assim desejasse.

Com o retorno da leitura como lazer e não como pretexto para atividades posteriores, proporcionando momentos aprazíveis e conversas deleitosas sobre temas abordados nos livros, logo surgiram comentários dos alunos sobre suas memórias com

livros literários, que foram experimentadas no ciclo de alfabetização. O projeto *Ler, muito prazer*, segundo os alunos, os remeteu diretamente às experiências vividas quando crianças. Muitas dessas memórias referiam-se a aulas conduzidas com a professora Valéria, quando estes estavam cursando o ciclo de alfabetização. Os estudantes lembraram de espaços e tempos que eram destinados à literatura e de momentos em que a professora lia para eles. As falas dos alunos demonstraram que esses foram momentos prazerosos e também importantes para sua formação escolar e extraescolar.

Assim, sentimos necessidade de abrir espaço para ouvi-los mais a respeito do papel da literatura nas suas vidas e sobre a função da escola e dos professores em sua formação leitora.

Escola é lugar da gente aprender, então a escola é lugar de ler. Y, 12 anos.

Tu lê com eles desde que tamanho, professora? Porque eu acho que se ler pra eles desde pequenos é melhor. Quanto antes começar é melhor. J, 15 anos.

Quando eu leio o livro parece que eu entro no livro, mais que com a televisão, a gente entra, sabe? Entra mesmo! Só é difícil de sair. E aí, imagina... Tu vais incentivar a ler se é só pra fazer o resumo? Aí ler é coisa só do colégio? Tem as coisas de ler no colégio e o resto tu lê em casa se quiseres? Se tu começa a ler na escola, tu vais acabar lendo em casa. E aí? Aí tu vais ler sempre, toda vida. E isso é diferente de ler porque tu tens que fazer alguma coisa depois. M, 14 anos.

As falas também expressam certa decepção com o abandono da leitura nos anos anteriores, seu contentamento com o retorno dessa prática e o receio de uma nova perda desse espaço.

Biblioteca a gente só entrava pra pegar livro, mas de português, matemática e tal. A, 13 anos

Só agora que a gente notou que achou muita falta esse tempo todo. L, 14 anos.

Se cortar o projeto a gente faz um abaixo assinado, pede os cestos de livros pra ler no recreio, faz um leitorão, traz cadeiras, fica na frente da escola, sentado, lendo e ninguém entra pra aula, até mudarem de ideia. M, 12 anos.

Nas declarações dos alunos estão presentes argumentos, em defesa dos espaços e tempos da leitura na escola, que vão desde aqueles ligados a aprendizados escolares, até aqueles que eles consideram que *usam na vida toda*, passando por um carinho especial com as memórias da alfabetização.

Ler ajuda a usar palavras mais delicadas, mais rebuscadas. Essa foi uma que aprendi num livro. L, 14 anos.

Quando a gente lia só coisa bem pequenininha a gente via a senhora ler e pensava que treinando a gente ia conseguir ler assim sozinha, ler todos aqueles livros. A, 6 anos

Acho que quando a gente ouve e lê histórias a gente fica assim, mais bom, assim pessoa... Sabe? R, 7 anos

Eu nunca vou esquecer daquele coelho, da Eva Furnari. Eu ia pra casa pensando em voltar pra saber o que ia acontecer com o Felpe Filva. A, 15 anos.

Diante da adesão dos alunos ao projeto e da importância que demonstraram atribuir a esses momentos de leitura, bem como de suas reivindicações por mais espaços e tempos para a literatura, a equipe diretiva da escola propôs-se a aderir ao projeto como proposta pedagógica da instituição. Os docentes que atendem as turmas envolvidas foram convidados a aderir às atividades do projeto. Motivados pelos resultados que já observavam, todos aderiram. Para atender a essa demanda, o tempo e espaço da leitura literária, foi fixado em horário da escola como atividade permanente, de forma que todas as turmas desfrutassem, diariamente, desse momento, tendo a cada dia um professor como orientador.

Atualmente, a leitura está conquistando espaços fora da biblioteca, ocupando tempo fora das aulas de português e voltando a ser assunto entre alunos e professores. A concepção de leitura e de livro vem se modificando. Alunos que antes não consideravam o livro como algo atrativo, hoje declaram que o mesmo é um dos *melhores presentes* a serem ganhos. Atividades que integram séries iniciais e finais do ensino fundamental em torno da literatura estão sendo pensadas e desenvolvidas. Entre as mudanças indicadas como prioritárias na escola, cita-se a organização de um novo acervo para a biblioteca. Movimentos voluntários de arrecadação de livros ou de valores para compra de acervo são feitas por professores e alunos. Declaram já estarem sentindo necessidade de um estudo mais sistemático e profundo das obras lidas, propondo, inclusive, que a turma escolha uma obra e que essa seja estudada mais atentamente.

Em síntese, estamos juntos – equipe diretiva, professores e alunos – reconquistando um território que já pertenceu à literatura e perdeu-se com o tempo. Criar uma comunidade leitora tem sido um grande passo em direção ao letramento literário que tem sido tomado como um dos princípios de nossa proposta pedagógica.

3. Refletindo sobre a experiência

Entendemos que a escola tem por objetivo formar cidadãos letrados, no sentido explicitado por Magda Soares: “Letramento é o estado ou condição de quem não apenas sabe ler ou escrever, mas também cultiva e exerce as práticas sociais da leitura escrita” (1998, p. 47). Desde muito cedo, faz-se necessário investir no trabalho com leitura e escrita dos mais diversos textos, dos mais variados gêneros textuais, porém, ainda assim, a literatura deve ocupar papel central, principalmente nos anos iniciais.

Segundo Villardi (1999), o texto literário deve ocupar lugar prioritário, pois:

Sendo a literatura ficção, o leitor pode acumular experiências só vividas imaginariamente, o que o torna mais criativo e crítico;
A leitura possibilita ao leitor internalizar tanto estruturas simples como complexas da língua, desenvolvendo o desempenho linguístico;
Estimula o raciocínio lógico da criança. (p. 6-8)

Compreender minimamente a estética da recepção também nos auxilia entender a necessidade de manter esse espaço/tempo da literatura na escola. A “emancipação” seria a palavra-chave nessa teoria e para “a literatura compete à emancipação da humanidade de suas amarras naturais, religiosas e sociais” (JAUSS apud ZILBERMAN, 2005, p. 82).

Nessa perspectiva, o mundo apresentado pelo texto literário é um esboço com inúmeros pontos de indeterminação. Lugares, objetos e personagens estão inacabados, exigindo que o leitor os complete, para que sejam compreendidos. O preenchimento desses vazios de indeterminação caracteriza a participação do leitor. Ao longo do texto estão dispersas informações que auxiliam nesse preenchimento, e é o leitor quem precisa reuni-las. Dessa forma o leitor é chamado, a todo o momento, a participar da construção do texto literário, colocando algo totalmente seu no texto. Existe, então, um diálogo entre esses dois seres, uma inter-relação de integrações e conflitos.

Segundo Zilberman (2005) o escrito é dependente da disponibilidade do leitor de unir os aspectos que ele lhe oferece, elaborando uma sequência de imagens e acontecimentos que convergem para a elaboração do significado da obra. E esse significado só pode ser construído na imaginação, depois do leitor assimilar as diferentes perspectivas do texto, preencher os pontos de indeterminação e decidir-se entre iludir-se com a ficção e observá-la criticamente. A consequência de tal experiência é que ele aprende e incorpora vivências e sensações até então desconhecidas, por faltarem em sua vivência pessoal.

Lendo, o indivíduo abandona temporariamente sua própria posição e ocupa-se com algo até então não experimentado, sem com isso renunciar as orientações da realidade. A realidade do leitor é usada a todo o momento: ao interpretar cada ideia que o texto traz; ao atribuir sentido ao que o autor escreveu; ao tentar prever mentalmente o que virá a seguir; ao preencher as lacunas de indeterminação. A relação leitor/texto é uma relação dialógica. Assim, ler não é apenas pensar pensamentos alheios, tampouco somente compreende-los; ler significa deixar-se conduzir a alterações em si mesmo durante a leitura.

A leitura ganha valor e autonomia quando prova gerar aprendizado em si mesma. E a leitura implica aprendizado quando a relação texto/leitor é vista como dialógica. Quando o leitor é visto como ser pensante que se permite embarcar em uma viagem desconhecida, proposta pelo autor, durante a qual seu posicionamento é requisitado a todo momento.

Considerações finais

Atualmente a leitura literária é reafirmada em sua importância por meio das práticas formativas conduzidas no âmbito do programa PNAIC que incidem na qualificação das propostas pedagógicas realizadas no ciclo de alfabetização, ampliando práticas de leitura literária com as crianças. Mas, nos anos seguintes de escolarização, ainda se percebe um abismo, pois a literatura se perde e somente é encontrada no ensino médio, quando os alunos já nem a reconhecem mais como atividade atrativa, tal qual foi vivida no ciclo de alfabetização. A escola, quando transforma a leitura apenas em meio, nunca em objetivo, não contribui para a formação de leitores. A escola oferece fragmentos selecionados de textos, retirando-os do contexto, reduzindo e isolando, deixando a literatura fora da escola e oferecendo-a apenas como ponte para outros aprendizados.

A questão não é apenas volume de literatura que circula na escola, mas observar o enfoque a ela dado, que ainda tende a anular questionamentos, ligações externas e opiniões. A concepção de leitura e de leitor que se tem é a chave do fracasso ou sucesso da leitura e da experiência com a literatura na escola.

Entendemos que muito ainda precisa ser estudado; muito ainda precisa ser feito. Os alunos precisam ser ouvidos e para isso se faz necessário ter um olhar mais atento ao

que eles dizem; mas, também, entendemos que estamos abrindo caminhos para a construção de novas relações com a leitura e com a literatura.

No nosso caso, a prática proposta criou condições para mudar a visão de uma comunidade escolar sobre um tema tão importante. A experiência vivenciada permitiu perceber que a literatura é mediadora de vários aprendizados, ligados a valores, atitudes e conteúdos escolares. Oferece-la como momento de lazer é um modo de formar leitores, indicando que os esforços para ampliar e manter espaços e tempos de leitura literária na escola é, além de necessária, algo extremamente significativo.

Por fim, reiteramos a importância da leitura literária na escola e a necessidade de reinventar práticas pedagógicas em torno da leitura literária. Esperamos, assim, com este texto, ter dividido nossa prática com a leitura literária e ter feito um alerta sobre o comum engano de que apenas ideias mirabolantes e de difícil execução produzem resultados significativos.

Referências

- BURLAMARQUE, F. V. A mediação docente na formação do leitor. In: RÖSING, T. (org.). **Práticas leitoras para uma cibercivilização V: Ressignificando identidades**. Passo Fundo: UPF, 2005.
- COSSON, R. **Letramento Literário: Teoria e Prática**. São Paulo: Contexto, 2006.
- PENNAC, D. **Como um romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- VILLARDI, R. **Ensinando a gostar de ler** e formando leitores para a vida inteira. Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya, 1999.
- ZILBERMAN, R. Leituras literárias e outras literaturas. In: BATISTA, A. A. G. et al (org). **Leitura: Práticas, impressos, letramentos**. Belo Horizonte: Autentica, 2005.